

## Simbologia do corpo no ritual do candomblé

*Juliana Kujawski Leite de Moraes\**

**Resumo:** A religião do candomblé é bastante difundida em todo território brasileiro e resgata tradições africanas que influenciaram e influenciam a nossa cultura. A questão do corpo nesta religião é de extrema importância, pois é através dele que acontece a explicitação religiosa: o corpo no candomblé é reflexo do cosmos, é um sistema simbólico que representa a imagem que o homem faz do universo.

**Palavras-chave:** religião, candomblé, corpo, dança.

### INTRODUÇÃO

Nas Ciências Sociais, os estudos de Marcel Mauss do início do século passado identificaram o corpo como objeto de reflexão sócio-antropológica, descobrindo-o como um meio técnico do homem.

Seguindo sua linha, percebendo o corpo como objeto de domesticação e, portanto, a percepção das variações, gritantes ou sutis – no tempo e no espaço – impressas nos usos, nas posturas, nos atributos e nas próprias concepções do corpo, além de observá-lo como “fato social total”, isto é, um objeto de complexidade que não se esgota em uma única dimensão, muitos autores se aprofundaram neste tema do corpo. A multiplicação de publicações que incidem direta ou indiretamente sobre o tema tem crescido significativamente. Este aumento no campo das ciências humanas, sociais e históricas corresponde a uma crescente centralidade do corpo na cultura contemporânea.

---

\* Pesquisa de iniciação científica orientada pela professora Maria Helena Vilas Boas Concone, PUC/SP, São Paulo, Brasil.

Neste trabalho, o enfoque sobre o corpo procede a um recorte preciso, a saber: o corpo como suporte de símbolos no espaço do candomblé, tomando inicialmente como guia Clifford Geertz em seu estudo sobre a Interpretação das Culturas.

Segundo este autor, todo o comportamento humano é visto como uma ação simbólica. O homem necessita de fontes simbólicas para orientar sua conduta, pois estas são pré-requisitos para nossa existência biológica, psicológica e social. Assim o homem depende da cultura e da religião, já que estes são sistemas culturais que desenvolvem disposições morais e estéticas de uma sociedade.

As culturas afro-brasileiras vêem o corpo como um reflexo do cosmos. Os símbolos estão impressos no corpo e são resgatados nos ritos: o corpo é o lugar, por excelência, da explicitação pessoal e grupal da experiência religiosa e é através dele que os participantes da religião representam a imagem que fazem do universo.

No candomblé, os rituais, festas que acontecem no decorrer do ano para reverenciar a natureza e os orixás, são repletos de danças, de movimentos sutis que representam todo um universo de mitos e tradições e retratam toda uma estrutura social.

Voltando aos estudos de Mauss, onde ele diz ser o corpo um meio técnico do homem, um painel de expressão e o instrumento necessário para desenvolver suas potencialidades e seguindo com um suporte teórico-metodológico, por excelência, de Clifford Geertz, (uma vez que suas sugestões para interpretação do fenômeno da religião continuam fertilizadoras) e enriquecendo o trabalho com a reflexão de outros autores, a intenção deste estudo foi explorar os simbolismos do corpo, seus significados e manifestações dentro do ritual do candomblé.

## ○ CANDOMBLÉ E SEU SISTEMA SÓCIO-ESTRUTURAL

No início do século XVI, os negros foram trazidos para o Brasil, através do tráfico de escravos, em condições completamente sub-humanas, sendo forçados a integrar-se a uma sociedade onde o senhor destruía todos os signos de seu pertencimento pelo confisco de seus vínculos de sangue, língua ou nação.

Desta maneira, o escravo criou, pacientemente, no interior da nova cultura, agregando novos significados, o substrato comum de nossas heranças africanas. Aceitou o sincretismo como forma de permanência, como resistência de uma cultura, de resignação e sabedoria. Aceitou o fardo da encarnação do mal imposto pelos que não compreendiam a diferença, mas foi guerreiro e resistiu bravamente, conquistando para o Brasil a tão sonhada independência nas batalhas da Bahia.

Buscou espaço para a representação do seu corpo e sua alma, aceitou toda a provação dos sentidos, mas afirmou o esplendor de seu corpo, nas muitas linguagens em que foi representado. A religião foi o terreno, por excelência, em que se preservaram todas estas heranças, pois nela se condensam cosmologias, se expressam visões de mundo.

Seus significados se revelam nos fios de contas das ialorixás e iaôs, nas vestimentas dos eguns e dos orixás, na produção de seus objetos e instrumentos rituais. Como um elaborado texto simbólico, a ser decifrado pelos iniciados e pelos devotos, é exprimido nas cores das vestimentas e dos colares, nos instrumentos rituais e nas oferendas, fragmentos das histórias dos deuses que os rituais recontam para instruir os homens.

Este movimento de resgate cultural restabeleceu a forma de interação social do grupo e, no que diz respeito ao culto, foram estabelecidas regras que estruturaram os fiéis em torno da atribuição do sagrado, categoria pela qual denota-se a interpretação do homem em relação ao mundo. As categorias de parentesco, personalidade, de sexualidade e gênero foram liberadas das determinações biológicas e biogenéticas a que se encontram ligados na ideologia dominante da sociedade brasileira.

Atribuir “santos-homens” e “santos-mulheres” indistintamente entre homens e mulheres, como tipo de personalidade; a visão de família elaborada, que dá maior importância a família de santo, em detrimento da família de vínculo sanguíneo; assim como questões relativas à sexualidade, que se revelam no discurso e na prática, são questões que consolidam uma visão de mundo bastante peculiar.

“O candomblé como religião, ele pensa nos dois sexos, na questão do gênero e ele especifica tarefas, então toda hierarquia do Candomblé é baseada na questão do gênero e as tarefas são específicas, não se misturam” (G, entrevista

tado). Neste caso, ao propor o termo gênero em sua fala, penso que G se referia estritamente ao sexo biológico, já que, segundo ele mesmo, a questão da sexualidade não tem espaço para discussão dentro da religião: “(...) nós não levamos em consideração a preferência sexual do indivíduo, apenas olhamos o orixá que o indivíduo tem e a posição que ele ocupa hierarquicamente. A questão sexual é íntima dele e não nos cabe”.

É importante distinguir os papéis sociais dos papéis rituais atribuídos aos membros da família de santo: os últimos são atribuídos estritamente de acordo com o sexo biológico da pessoa, mas os primeiros não.

As atribuições sociais são basicamente as mesmas: ambos dão orientações aos filhos, intermediam a consulta de oráculo de búzios e captam e redistribuem os recursos disponíveis na rede de relações religiosas. Já as atribuições rituais se dão da seguinte forma: só os homens podem sacrificar os animais para oferenda aos orixás, cabe a eles também as incisões na pele e a raspagem do cabelo dos iniciados, além disso, tocar tambores, cantar para Exu e abrir e fechar os rituais públicos são papéis eminentemente masculinos. Os papéis femininos são vistos como indispensáveis e complementares aos masculinos, mas as responsabilidades a eles associadas consistem na execução ritualizada das tarefas domésticas. As equedes, ajudantes rituais, assistem ao oficiante no que for necessário, cuidam das pessoas em estado de possessão e preparam as comidas que serão oferecidas ao santo.

Sempre no final do ritual é servido uma farta refeição, onde os fiéis se juntam para desfrutar de longas conversas e prolongar a festa dedicada ao orixá celebrado.

A dança também abrange uma diferenciação sexual. Segundo G, um entrevistado, poderíamos até fazer uma brincadeira dizendo que os homens tocam e as mulheres dançam. Há uma diferença neste aspecto que varia de acordo com a casa de culto. Na verdade todas as características até então comentadas são gerais, pois os terreiros detêm diferenças inúmeras, o que deve-se, penso, a sua tradição oral: no candomblé não existem manuscritos. Assim, pelo que observei na casa de culto que freqüentei, os homens só entram na roda quando são possuídos pelo seu orixá, neste momento são levados, primeiramente, pra camarinha e depois voltam, paramentados, para dançar em frente aos tambores.

Desta forma, vemos que o colapso social causado pela escravidão desenvolveu a necessidade por parte dos grupos afro-descendentes, de reelaborarem

sua identidade social e religiosa. Eles o fizeram através da união das crenças e a partir do século XVIII, foram incorporando, aos poucos, seu modo de ser. Com suas celebrações populares, com as congadas, moçambiques, as folias de reis e o próprio carnaval, eles caracterizaram a cultura brasileira.

Assim, vemos que no universo religioso, as religiões que o compunham romperam seus limites e se traduziram mutuamente, dando origem a novas formas, mistas, afro-brasileiras, que se tornaram tema obrigatório para entendimento da cultura popular do país.

### A IMPORTÂNCIA DO CORPO NA RELIGIÃO DOS ORIXÁS

O Candomblé, no Brasil, é o resultado de adaptações e transformações progressivas de crenças vindas de várias direções do território africano. É um culto que formou-se e transformou-se no contexto social e cultural católico do país no século XIX.

A religião dos orixás é encontrada no país ao longo de todo o litoral, manifestando sobrevivências religiosas africanas trazidas pelos negros durante o período do tráfico negreiro. Manifesta-se como resgate de tradições, reconstituindo não apenas a religião africana, mas também outros aspectos culturais da África original, numa espécie de reposição do que ficou para trás. Porém, mistura-se com o catolicismo, já que o sincretismo é uma consequência da diáspora.

Já existe uma vasta literatura abordando os aspectos da religião do Candomblé, assim como sua influência nas tradições brasileiras. Minha intenção, ao dar continuidade a estas pesquisas, é investigar, dentro do ritual, a importância do corpo.

A continuidade histórica das sociedades afro-brasileiras deve-se a todo um universo simbólico que se manifesta de muitos modos, devendo-se em grande parte ao domínio gestual e oral. Há uma interação constante entre indivíduo e grupo ao nível dos símbolos e do ato religioso. Tudo é baseado nos mitos, que propõe um modelo de organização social resgatando e reatualizando a história dos deuses. É uma religião que se organiza em torno da manifestação da divindade no corpo dos fieis, propondo a manifestação concreta da fusão do indivíduo com a transcendência.

O candomblé é um culto onde a iniciação se dá de modo não verbal. Não se pode dissociar palavras e textos rituais da dinâmica dos gestos que os acompanham. Um dos meus entrevistados, R, considera que os gestos são fundamentais porque o candomblé é uma religião que inclui a dança, mas que há, também, outras posturas a serem aprendidas: a maneira como se deve reverenciar o orixá, os mais velhos e as pessoas que participaram do processo de iniciação. Existem gestos, diz ele, específicos para cada orixá e para cada pessoa em particular: “ quando o filho de um orixá masculino se coloca diante de seu deus, se deita no chão, que é de onde vem a força, para reverenciá-lo, ele o faz de uma forma; Quando o filho de um orixá feminino se deita no chão, ele o faz de outra forma. São vários gestuais, várias posturas – quem se abaixa na roda, quem fica de pé na roda, tudo isso tem importância e está relacionado com a função de cada um, além da questão da senioridade” (R).

A estrutura da comunidade do candomblé se dá através de uma reinterpretação das religiões africanas, de uma elaboração original onde as relações entre os membros obedecem a regras severas de respeito mútuo. Os mais jovens devem obediência aos mais velhos, mas não se trata de idade cronológica, e sim do tempo de iniciação. O conjunto dos comportamentos é regido pelas próprias leis do mundo sagrado.

O ser humano depende de um sistema cultural para controlar seus estímulos e permitir então a convivência em grupo: “Não dirigido por padrões culturais (...) o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais” (GEERTZ, 1989: 35). A cultura seria então um conjunto de mecanismos de controle de comportamento.

O organismo humano detém uma plasticidade que permite as mais diversas adaptações. Nenhum outro animal é capaz de transformar, voluntariamente, seu próprio corpo como faz o homem: através de circuncisões, escarificações, tatuagens, mutilações, entre outros artificios, as sociedades são capazes de condensar no corpo codificações de sua organização.

A religião, como a cultura – da qual é parte – através de dimensões simbólicas é capaz de expressar sentimentos, definir mundos, orientar um determinado grupo. A religião modela a ordem social porque através dos símbolos, mitos e ritos ela formula e reforça disposições e motivações que modificam o homem ao fundamentar valores sociais e orientar condutas individuais. É

bastante recorrente ouvir os fiéis relatando sobre a importância da religião para eles: “O candomblé é fundamental na minha vida, é um divisor de águas – minha vida é uma antes e uma depois da minha iniciação” (R); “Eu quero crer que se hoje estou vivo e hoje sou uma pessoa de bem, eu devo isso ao orixá” (G)

No candomblé o tempo é cíclico, o passado se repete no presente: os acontecimentos do passado estão vivos nos mitos que se refazem na vida de cada um. É no tempo mítico do passado que se acredita estar a verdade do presente – o passado mítico fornece à sociedade o sentido geral da vida, orienta a conduta e fornece valores para nortear a vida.

A função social do mito é, então, manter e reafirmar a identidade do grupo. Os mitos são sempre repletos de símbolos que se transfiguram nos ritos, onde o homem religioso expressa sua vivência do sagrado por meio do gesto: é através do corpo que os participantes da religião representam a imagem que fazem do universo.

O corpo no Candomblé é uma representação do cosmos, uma totalidade que permite experiências místicas e que, através de movimentos, gestos e adornos, formula impressões, concebe e representa o sagrado, projeta valores, sentidos e significados, revela sentimentos, sensações e emoções. É um meio de comunicação capaz de expressar memórias, transmitir tradições, saberes e experiências.

O candomblé é um “pequeno mundo cheio de tradições, onde as questões de etiqueta, de direitos, fundamentadas sobre o valor dos nascimentos espirituais, de primazias, de gradação nas formas elaboradas de saudações, de prosternações, de ajoelhamentos são observadas, discutidas e criticadas apaixonadamente; neste mundo onde o beija-mão, as curvaturas, as diferentes inclinações da cabeça, as mãos ligeiramente balançadas em gestos abençoadores representam um papel minucioso e docilmente praticado” (VERGER, 1997b: 30).

Os ritos de iniciação preparam o neófito do candomblé para ter sua vida e seu corpo consagrados aos ancestrais. Daí a importância dos tabus, das interdições e dos preceitos para proteger o corpo: só assim o fiel garante um bom relacionamento com os orixás. Além da afirmação da identidade, o destino de cada um é definido a partir destes ritos: é através deles que se atinge o equilíbrio, a saúde, o sucesso, enfim as realizações.

Neste contexto, é importante que o corpo esteja devidamente preparado: cuidar do corpo e protegê-lo tem implicações fundamentais na vida dos fiéis. As expressões “corpo fechado” e “corpo aberto” se referem a estados limites e opostos. O primeiro diz respeito a um corpo protegido, ou seja, ritualmente preparado, com todas as obrigações sócio-religiosas cumpridas. Isto significa um corpo imune, o que acarreta sucesso e equilíbrio. O “corpo aberto” é um corpo com algum tipo de poluição momentânea, o que pode ocorrer pela menstruação ou pela cópula, que são períodos onde ocorre uma perda de axé devido à saída de sangue e de sêmen. O “corpo aberto” também pode ser decorrência de deslizes ou transgressões em relação às regras religiosas.

O sacerdote supremo do terreiro tem a função de desvendar a filiação divina do fiel, oficializar os ritos que permitirão estabelecer o pacto de interdependência entre o fiel e seu deus, identificar os tabus do iniciado e prescrever periodicamente as oferendas que o fiel deve propiciar à sua divindade para que ela o recompense com saúde, vida longa, conforto material, sucesso profissional, reconhecimento social, felicidade familiar, amorosa e sexual.

As noções de certo e errado, as pautas de direitos e deveres, as interdições, assim como as regras de lealdade e reciprocidade são moldadas na relação entre o fiel e seu deus. Essa relação está acima de tudo e, acredita-se inclusive, que a personalidade do seguidor reflete a personalidade de seu orixá, que é seu pai ou mãe no plano mítico, o que lhe atribui uma gama de comportamentos e atitudes aceitos e justificados pelos mitos dos orixás. Tais atitudes são enfaticamente expressas nas danças dos orixás, quando o rito revive o mito.

Participar do Candomblé significa compreender e viver um sistema simbólico que está impresso em cada corpo e que orienta e dá significado, através dos ritos, à vida. O corpo é a mais grandiosa forma de expressão do homem. Nele estão impressos valores culturais que simbolizam toda uma estrutura social: “o corpo é um complexo de símbolos, um sistema simbólico que porta sua mensagem, mesmo que seus receptores e emissores não estejam ou não sejam conscientes dela” (RODRIGUES, 1975).

Geertz, em seu livro ‘A Interpretação das Culturas’, mostra que é através de concepções herdadas em formas simbólicas que os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. Mais que isso, o autor fala de uma dependência do homem em relação



aos símbolos e sistemas simbólicos a ponto de serem eles decisivos para sua viabilidade como criatura.

O estudo antropológico da religião é, segundo Geertz, uma análise de significados incorporados nos símbolos que formam a religião propriamente dita e o relacionamento desses sistemas aos processos sócio-estruturais e psicológicos. Tudo no candomblé é símbolo ou imagem: o templo é a imagem refletida do cosmos.

Existe uma anatomia mística que envolve esta lei das correspondências, o microcosmo refletindo o macrocosmo. Por exemplo: Exu guarda as entradas, vigia as aberturas, é colocado no limiar da porta: comandará, pois, todas as doenças das vias bucais e das outras aberturas do corpo; Xangô, divindade do fogo, pune aqueles que lhe querem mal mandando-lhes febre; Oxalá, considerado como a divindade suprema, da qual dependem todos os seres vivos, corresponde à cabeça do homem; Omolu, deus da varíola e da febre, corresponde à pele e castiga os que lhe querem mal enviando doenças de pele; Iemanjá e Oxum, divindades das águas, comandam o ventre e castigam enviando cólicas; e assim por diante. Ao mesmo tempo, cada um deles corresponde também a uma erva, que ajuda na cura de tais doenças, pois o santo faz adoecer e cura: é todo poderoso em relação à parte do corpo que lhe pertence. “Quando não lhe dispensam homenagens, pode desencadear sobre ele sua cólera, no entanto, se o devoto mostra arrependimento, concede a erva que cicatrizará a própria carne que feriu” (BASTIDE, 2001: 152).

No candomblé, os saberes da religião se dão de acordo com a posição hierárquica de cada um. É a partir das iniciações que o adepto entra em contato com maiores conhecimentos. A aprendizagem dos mitos, símbolos e ritos é gradual e não se opera ao nível da explicação intelectual, porém os fiéis logo entendem como devem se comportar, os preceitos e tabus para que seu corpo possa manifestar o sagrado e realizar o contato com o divino – “o culto e o serviço aos deuses não são fatos puramente mentais, mas eminentemente corporais” (CROATTO, 2001: 343). Para os africanos tradicionais, o conhecimento humano é entendido, sobretudo, com transcorrer inexorável da vida: aprende-se à medida que se vive.

Todos os ritos de passagens, no candomblé, se dão através de experiências corporais, que simbolizam respeito pelas divindades e têm como finalidade encontrar uma identidade, uma personalidade. É por meio desses

ritos que o iniciado encontra o caminho para uma nova vida, para uma vida consagrada.

A iniciação tem como propósito reencontrar o comportamento atribuído ao seu deus. Isso se dá de forma inconsciente, pois é resgatado da hereditariedade adormecida. O noviço ganha um colar de contas com as cores simbólicas de seu orixá, faz as oferendas ao “dono de sua cabeça” e, a partir daí, já começa a freqüentar os rituais, porém sem tomar parte deles. Até que chega a hora do noviço ser pintado e raspado: as pinturas corporais são feitas de giz e compõe-se de traços e pontos brancos que são feitos de acordo com o “dono da cabeça”, o deus que está sendo reverenciado. Durante este período, respeita-se uma lei do silêncio e já se esboçam as danças ao som dos atabaques.

Os atabaques são de importância fundamental nos rituais. No início da festa, três atabaques, acompanhados de um “sino duplo” de percussão, o agogô, tocam apelos ritmados às diversas divindades. Os atabaques têm como função chamar os orixás no início do ritual e, quando os transes de possessão se realizam, transmitir as mensagens dos deuses. “O ogã é aquele que comanda o maior atabaque, o rum. O rum dá cadência e chama a dança. Tem determinados toques que o ogã vai marcar no rum e que o orixá vai executar. Da mesma forma, quando o orixá der o sinal que ele quer fazer algo diferente, o ogã deve entender e dar o toque para que ele o faça – é um diálogo em que não há palavras” (R).

Para o conjunto de fiéis, os cantos e as danças são formas de saudar as divindades. Para os filhos-de-santo, consagrados a um determinado orixá, quando chega a hora de evocar seu deus, a dança adquire uma expressão mais profunda, mais pessoal, e os ritmos, pelos quais foram sensibilizados, tornam-se uma chamada do orixá e podem provocar-lhes um estado de embriagues sagrada e de inconsciência que os incitam a se comportarem como o seu deus, enquanto vivo.

As danças trazem para o presente da comunidade de culto, por meio dos mitos representados nas coreografias, o passado remoto, imutável e verdadeiro das divindades. O som, o ritmo é provido de sentido: a música fornece um canal de comunicação entre o mundo dos vivos e o mundo dos espíritos. Faz parte da identidade dos orixás – cada deus uma dimensão da vida, cada deus, um ritmo. Segundo G, um participante do candomblé, “os mitos se traduzem nas danças, por isso quando você canta para Ogum, as cantigas são

sempre de guerra. Ogum está sempre matando, Oxossi está sempre caçando, Omolu está sempre lidando com as folhas e fazendo remédios, Oxum está sempre se embelezando ou cuidando da gravidez e assim sucessivamente. Quer dizer, Iemanjá é sempre o movimento das águas, mais calmo ou mais furioso, Iansã é sempre as ventanias, Xangô é sempre a revolta. Cada orixá tem suas peculiaridades e as cantigas, assim como as danças, sempre se remetem a essas peculiaridades”.

As danças são, portanto, parte fundamental dos rituais. Segundo Monique Augras, até hoje se ignora a origem da palavra “candomblé”, porém a etimologia mais provável propõe o significado de “lugar de dança”. A transmissão do saber iniciático faz-se por meio do canto, dos gestos, da percussão, dos instrumentos, do ritmo, da entonação de certas palavras, da emoção que o som exprime. Recebe-se o axé – força mágico-sagrada, energia que flui entre todos os seres, todos os componentes da natureza – das mãos e do hábito dos mais antigos, de pessoa a pessoa, numa relação interpessoal dinâmica e viva: recebe-se através do corpo.

“A função primordial da música é fazer os orixás se apresentarem aos descendentes, manifestando-se em seus corpos para dançar. É na dança que se mostra a beleza, o esplendor e o axé do orixá” (PRANDI, 2005: 183).

A dança, assim, é uma atividade que reúne o corpo e a alma e permite uma relação sagrada com o outro mundo. A dança ritual busca um estado de êxtase que tem por propósito a identificação com as forças da natureza, a comunicação com os deuses. “A dança atualiza o mito e socializa os iniciados” (G. – participante do candomblé).

Êxtase significa arrebatamento íntimo, enlevo, roubo, encanto. Dizer que a dança é extática é falar de sua singularidade, que transforma o indivíduo que dela participa, provocando-lhe, através dos movimentos, sensações de encantamento, de gozo e de entusiasmo.

Porém, nas festas, a produção de êxtase não é imediata, e as danças não são diferentes na primeira e na segunda parte da festa, antes e depois da posseção. Todavia, tomam outro caráter: na primeira parte trata-se da simples imitação dos acontecimentos e na segunda, de uma revivescência destes mesmos acontecimentos.

A dança é uma linguagem e o corpo humano, graças a sua mobilidade, reúne condições para servir de suporte a este código de expressão que detém

inúmeras significações. Na realidade, os gestos não têm um significado em si: o significado institui-se no momento, em relação ao contexto – a significação é sempre um fato social.

O corpo é o centro do qual partem e refluem os movimentos, agindo como um instrumento e assim manifestando a arte e, portanto, as emoções. Os desenhos rítmicos do movimento, a representação de um mundo visto e imaginado, tudo isto o homem cria em seu corpo através da dança.

As crenças e os sentimentos básicos da vida social nos terreiros estão associados e são remetidas ao corpo humano, constituindo um conjunto de representações que ultrapassam as características biológicas inerentes ao ser humano. É através da descida periódica dos orixás no corpo dos fiéis que se dá a estreita ligação entre o Órum e o Aiê, o mundo dos deuses e o mundo dos homens. Mais do que isso, a maneira de ser do fiel exprime a valoração dada pela perspectiva religiosa, que é expressa através do corpo.

José Flavio Pessoa de Barros, junto com Maria Lina Leão Teixeira, em um estudo chamado “O código do corpo: inscrições e marcas dos orixás”, mostra que apesar do corpo ser pensado como um verdadeiro microcosmo, certas partes são vistas como fundamentais para o equilíbrio da totalidade. A parte superior do corpo, a cabeça, está diretamente associada aos orixás e possibilita ao iniciado se descobrir enquanto pessoa e, ao mesmo tempo, estabelecer elos religiosos e sociais permanentes.

A frente do corpo, especialmente a fronte, se encontra associada ao futuro; a parte posterior, sobretudo a nuca, ao passado. Os membros inferiores estão associados aos ancestrais, sendo que nos rituais de iniciação esta relação é reforçada e atualizada.

Nas festas rituais, é possível observar com clareza o corpo expressando os códigos da religião: o tempo de iniciação, a posição hierárquica, o deus reverenciado, o respeito aos mais velhos. Tudo isto devido ao beija-mão, ao dobalé, no pedido de benção que se faz de joelhos diante da ialorixá, no direito de sacudir o xerê de Xangô, de sentar em certas cadeiras, na posição que fica na roda, etc.

O lado direito do corpo é considerado masculino, o esquerdo, feminino, dizendo respeito à ancestralidade masculina e feminina, respectivamente. Além disso, em vários rituais, os pés devem permanecer em contato com o chão,

visando o estabelecimento da ligação com importantes poderes que emanam do elemento terra. Já as mãos são consideradas como entrada e saída de forças provenientes dos orixás incorporados em seus “filhos”. Desempenham, desta forma, papel importante na dramatização da vida social, pois gestos adequados são essenciais no cotidiano das relações sociais. Por exemplo: quando as palmas das mãos se encontram estendidas, voltadas para cima, frente ao corpo, em direção à autoridade, expressam uma atitude de submissão, de “pedir a benção”. Quando apenas a palma da mão direita é levantada, indica a benção concedida por uma pessoa portadora de prestígio e autoridade.

O sistema de vida das comunidades de um terreiro é fundamentado em concepção energética do mundo. A continuidade da vida é assegurada pelas trocas constantes de axé, que são a própria essência das regras sociais e da vida das instituições. São os ritos que realizam essas trocas: cada dia corresponde ao culto de um ou mais deuses e tanto no templo como nas casas de todos aqueles que têm compromisso com o “dono da cabeça”, repetem-se os mesmos gestos. As cantigas e os encantamentos são os principais agilizadores do potencial vital dos seres humanos e dos vegetais.

A cada dia ocorre uma regeneração da força sagrada que une os homens e os deuses, sendo que a troca de energia se dá em ambas as direções: dos homens para os deuses e dos deuses para a comunidade. A necessidade desta aquisição, intensificação e renovação de axé existe para assegurar o equilíbrio e a saúde dos adeptos, já que o corpo humano é detentor e veículo desta força vital. Estar equilibrado interna e externamente possibilita gozar da plenitude da vida.

O corpo é o centro de inscrições e símbolo do contrato sócio religioso que se estabelece a partir da iniciação. Em uma religião que celebra a vida é fácil perceber que um corpo saudável é requisito essencial.

O homem, como busquei mostrar, é um microcosmo, uma representação do universo e através de seus símbolos a existência humana é guiada. Nele se enleiam todas as forças do mundo. Possui significado individual (óri), caminho pessoal (odu, destino), capacidade própria de transformação (Exu). Os deuses de origem, de destino congregam-se no indivíduo desenhando determinada configuração: o indivíduo está situado em meio a um drama divino, em que o “dono da cabeça” se exprime em primeiro lugar, por ter sido fixado nos ritos de iniciação.

Os adeptos do candomblé não se entregam a introspecção como nossos místicos cristãos, não sabem descrever sua experiência interior por meio de palavras. Dispõe, no entanto, de outra linguagem que lhe permite exprimir a complexidade da alma se integrando nos braços da divindade: é a linguagem dos gestos. É por meio desta linguagem, juntamente com todas as possibilidades de arte inscritas no corpo que a religião do candomblé encontra suporte e orienta a conduta e, portanto, a vida dos seus fieis.

**Abstract:** The religion of candomble is widely spread around Brazil and it rescues the African traditions that influenced and still influence the Brazilian culture. The matter of the body in this religion is of main importance: it is through the body that the religion explicit itself. The body in candomble is the cosmos reflex, it is a symbolic system which represents the image man makes of the universe.

**Keywords:** Religion, candomble, body, dance.

## BIBLIOGRAFIA

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. São Paulo: Ed Martins, 1935.

ANTONACCI, Maria Antonieta. Corpos sem fronteiras. In: *Revista Projeto História* n. 25. *Corpo e Cultura*. São Paulo: Educ, 2002.

AUGRAS, Monique. *O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidade nagô*. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

BERNARDO, Teresinha. *Negras, mulheres e mães – Lembranças de Olga de Alaketu*. São Paulo: Educ, 2003.

CONCONE, Maria Helena Villas Boas. *Caboclos e pretos velhos da umbanda*. In: PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001

CONCONE, Maria Helena Villas Boas. *De símbolos e sua eficácia: pureza, identidade e legitimação*. In: QUEIROZ, José J. (org.). *Religiosidade do povo*. São Paulo: Paulinas, 1984.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução a fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.

- DANTAS, Mônica. *Dança: o enigma do movimento*. Porto Alegre: Ed. Universidades/UFRGS, 1999.
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. In: *Os Pensadores* vol. XXXIII. São Paulo: Abril/NovaCultural, 1973.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ELL-MERRICH, Luis. História da dança. In: *Conquistas da humanidade*. São Paulo: Boa Leitura Editora, 1964.
- FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- JUNG, C. G. *Psicologia da religião ocidental e oriental*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, Petrópolis: Vozes, 1980.
- JUNIOR, Caetano de Sousa. *As representações do corpo no universo afro-brasileiro*. *Revista Projeto História* n. 25. *Corpo e Cultura*. São Paulo: Educ, 2002.
- KELEMAN, Stanley. *Mito e corpo: uma conversa com Joseph Campbell*. São Paulo: Summus, 2001.
- LEWIS, IOAN M. *Êxtase religioso*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac&Naify, 2003.
- MEIRELES, Cecília. *Batuque, samba e macumba: estudos de gesto e de ritmo, 1926-1934*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de Moura (org.). *Candomblé religião de corpo e alma*. Tipos psicológicos nas religiões afro-brasileiras. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de Moura (org.). *O culto aos orixás, voduns e ancestrais nas religiões afro-brasileiras*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a cruz e a encruzilhada*. São Paulo: Edusp, 1996.
- PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.
- PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo*. São Paulo, Hucitec, 1991.
- RODRIGUÊS, José Carlos. *O tabu do corpo*. São Paulo: Achiamé, 1975.
- RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1988.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os nagô e a morte*. Petrópolis: Vozes, 1986.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SOUZENELLE, Annick de. *O simbolismo do corpo humano: da árvore da vida ao esquema corporal*. Trad. Frederico O. P. de Barros e Maria Elizabeth L. Salum. São Paulo: Ed. Pensamento, 1984.

VERGER, Pierre. *Lendas africanas dos orixás*. Salvador: Corrupio, 1997a.

VERGER, Pierre. *Orixás. deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. Salvador: Corrupio, 1997b.